

## APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ TEMÁTICO “HISTÓRIA MEDIEVAL EM PERSPECTIVA COMPARADA”

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva<sup>1</sup>

Leila Rodrigues da Silva<sup>2</sup>

Paulo Duarte Silva<sup>3</sup>

Paulo Pachá<sup>4</sup>

Desde as reflexões do início do século passado, com o discurso de abertura do V Congresso Internacional de Ciências Históricas proferido por Pirenne, em 1923, e a publicação no ano seguinte da obra clássica de Marc Bloch, "Os Reis Taumaturgos", a história comparada tem sido aplicada aos estudos sobre a Idade Média. No decorrer do século, com a ampliação das reflexões, aparece como um método consolidado e privilegiado para a análise das sociedades medievais.

Nos últimos cinquenta anos, a historiografia dedicada ao medievo tem sido marcada por muitas transformações e respondeu, dentre outros desafios, àqueles associados à ampliação tanto cronológica quanto geográfica, ao desenvolvimento de novas temporalidades, como a "Antiguidade Tardia" e a "Longa Idade Média", e à perspectiva de "Idade Média Global". Em meio a este panorama historiográfico, a história comparada - em suas muitas formas - possui potencial para novas perspectivas analíticas ao campo dos medievalismos.

Configurando-se como exercícios comparativos em contribuições originais, no presente dossiê estão compreendidos oito artigos, elaborados por pesquisadores vinculados a universidades de distintas regiões do país e que são especialistas em diferentes aspectos e momentos do medievo.

Em *A cidade pós-clássica no Oriente: o caso de Antioquia (Séc. III-VII)*, Gilvan Ventura da Silva, professor da Universidade Federal do Espírito Santo, por meio da comparação diacrônica, analisa duas fases da história da “metrópole da província da Síria-Coele”. O autor desenvolve seu raciocínio tendo como referência a

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro. Email de contato: [andreiafrazao@ufrj.br](mailto:andreiafrazao@ufrj.br)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro. Email de contato: [leilarodrigues@ufrj.br](mailto:leilarodrigues@ufrj.br)

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro. Email de contato: [pauloduartexxi@hotmail.com](mailto:pauloduartexxi@hotmail.com)

<sup>4</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro. Email de contato: [pacha@ufrj.br](mailto:pacha@ufrj.br)

argumentação de que na primeira fase ocorreu uma expansão demográfica e territorial, enquanto na segunda, verificou-se uma retração, que pode ser explicada por diferentes fenômenos.

Raquel de Fátima Parmegiani, professora da Universidade Federal de Alagoas, é a autora de *Controvérsias em torno da tradução do Antigo Testamento nas obras de Jerônimo e Agostinho*. O artigo apresenta uma questão central: “até que ponto os textos de partida estão contemplados nos textos de chegada?”. Para respondê-la, a autora estuda escritos de Agostinho e Jerônimo concernentes ao Antigo Testamento, discutindo temas como as regras de tradução e seu impacto na constituição do pensamento teológico.

*Karol e Sisenando: estratégias comparadas de mobilidade social na Itália Carolíngia* é a contribuição do docente da Universidade de São Paulo, Marcelo Cândido da Silva, ao dossiê. No artigo, com o foco em documentos notariais provenientes do Mosteiro de San Clemente a Casauria, localizado em Abruzos, atual Itália, o autor compara a trajetória de dois personagens: Karol e Sisenando. Assim, por meio da comparação de tais casos, discute a mobilidade social na região no período carolíngio.

O artigo *Há Medieval ao sul do Equador? Uma gramática do poder africano entre o “Império do Mali” e o Grande Zimbabwe (Século XIV)* é de autoria do professor da Universidade Federal do Paraná, Otávio Luiz Vieira Pinto. O tema central do estudo é o que o autor denomina de “Gramática do Poder Africano”. Por meio da comparação entre duas sociedades - a mandê e a bantu - no século XIV, problematiza a pertinência da aplicação do conceito “medieval” a tal região.

Em *Histórias de Perdão: narrativas das margens nos apelos à Justiça Medieval Portuguesa*, Beatris dos Santos Gonçalves, professora das Faculdades IBMEC/RJ e Universidade Candido Mendes, analisa comparativamente documentos denominados como cartas de perdão. Seu objetivo é debater as estratégias discursivas de apelação à justiça real em Portugal, no século XV, durante os reinados de D. Duarte, D. Afonso e D. João II.

Johnni Langer, docente da Universidade Federal da Paraíba, participa do dossiê com o artigo *Religião, Vikings e Arte: reflexões sobre o medievo na pintura St Sigfrid Döper Allmoge I Småland (1866), de Johan Blackstadius*. Referenciado na

obra do artista sueco, o autor discute “as interpretações da Idade Média e Escandinávia entre os séculos XVIII e início do XIX”; a pintura de Blackstadius em si, com destaque para aspectos associados à religiosidade, e, por fim, a comparação dessa tela com outras relacionadas à mesma temática.

No artigo intitulado *O Rei Artur e D. Sebastião entre as simbologias do Dragão, do Urso e do Touro: do Medieval à Contemporaneidade*, a professora Adriana Zierer, da Universidade Estadual do Maranhão, propõe um exercício de reflexão sobre simbolismo e imaginário político. No decorrer do texto, a autora destaca o caráter simbólico dos animais míticos, discutindo aspectos das relações de poder no medieval e no mundo contemporâneo.

Elton Oliveira Souza de Medeiros é professor do Centro Universitário Sumaré e no momento realiza pós-doutorado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Em *Vikings e simulacros: a construção de narrativas e simulações medievais pela cultura de massa*, o autor aborda a recepção dos vikings pela mídia e pela academia. Nesse sentido, investiga um variado conjunto de fontes, que inclui filmes, fotos e jogos, e se utiliza do conceito de simulacro proposto por Jean Baudrillard.

É, portanto, com enorme alegria que o Programa de Estudos Medievais da UFRJ apresenta este dossiê com estudos, que, ao mesmo tempo em que fornecem um panorama de modalidades de história comparada para a análise das sociedades medievais, reúne tanto abordagens consolidadas quanto novas possibilidades postas pelos avanços historiográficos nas últimas décadas, como o diálogo com as leituras contemporâneas sobre o período.